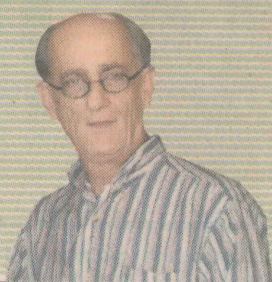


Marcos Alencar

MARCOS ALENCAR
marcos_alencar@terra.com.br



Na Cidade Alta uma rua agoniza

Um compromisso demarcado em cima da hora resultou em tempo de sobra para um passeio pela Rua Pedro Palácios, na Cidade Alta. Uma rua que começa num monumento histórico e termina em outro. Numa ponta o Palácio Anchieta, joia centenária, remoçado, bonito que só ele. Na outra a Catedral Metropolitana, caídaça.

De um lado e de outro da rua, prédios públicos e residenciais implorando por cuidados. Paredes encardidas, descascadas, sujas mesmo. As calçadas cidadãs não tiveram força para chegar até lá. Parecem satisfeitas em só rodear a Costa Pereira, no sopé do morro. Caminho por pisos irregulares, tropeço e siggo em frente.

A velha Cantina dos Viajantes, ponto de almoço que foi de políticos e que funcionava também como hospedaria, mudou de nome. Da calçada é possível ver a placa na saleta de entrada com os preços do pernoite: "Quarto comum - R\$30 / Quarto com televisão - R\$35. Para uma pessoa. Na calçada, encostado na amurada da cabeça da Escadaria Maria Ortiz, numa banca improvisada de madeira, um homem sem camisa vende mangas, jenipapos e touceiras de orquídeas, provavelmente arrancadas de alguma matinha ali por perto. Fonte Grande? Logo adiante um "automóvel": uma Kombi/loja com um velho toldo azul expõe à venda bananas, abacates e aquele monte de pacotinhos de porcarias industrializadas.

Na mesma calçada, o antigo prédio do Arquivo Público apodrece. Em frente a ele um sapateiro movimentava o seu negócio sobre um velho pano de brim estendido no chão. Saltos de borracha para homens e senhoras cercam uma cadeira branca para quem quiser lustrar os sapatos. Com direito a música saída de um velho Motoradio deitado no chão. Cinquenta metros ao lado outro engraxate, sem rádio e sem serviços de conserto. Só graxa mesmo. Os dois calçam sandálias de borracha. Não usam sapatos brilhando para

AD 20310
Lá adiante a Catedral ostenta uma placa anunciando a sua restauração.

Nenhum operário, nenhum movimento. As duas torres parecem o coração de um pecador

mostrar a qualidade de seus serviços.

O movimento nos dois lados da rua é grande, mas há calma no pedaço. Todos andam sem pressa, aparentemente despreocupados. Mesmo os advogados, facilmente identificados pelo terno escuro. Três deles, extremamente vaidosos com seus cabelos negros, me chamaram a atenção. O negrume capilar não me pareceu trabalho de profissional. Mas eles me pareceram confortáveis debaixo da tintura. Logo, logo descubro a razão da aparente despreocupação dos transeuntes. Novos e velhos não aguentam o esbarro da subida da Maria Ortiz com o sol a pino. Todos bufam depois do último degrau.

Por ali são dois os bares onde o cafezinho é servido em copos. E o açucareiro também é de época. Quando você o vira de cabeça para baixo, se não for safo, aterra o copo com o açúcar.

Lá adiante a Catedral ostenta uma placa anunciando a sua restauração. Nenhum operário, nenhum movimento. As duas torres parecem o coração de um pecador.

A velha e tradicional Pedro Palácios está feia, suja, triste e abandonada. É voz corrente que o Palácio da Justiça vai de mala e cuia para outro lugar. Com ele, todos os cartórios, Xerox, ambulantes, desocupados, carros e aquele mundo de gente que gravita profissionalmente em seu redor. Tudo leva a crer que a porta de entrada para o centro histórico da Cidade Alta vai então se entregar de vez ao abandono. E os flanelinhas irão finalmente descansar do peso de tantas chaves penduradas no cós das bermudas.